

Do porto à praia, o MAR revê a história da cidade na mostra 'O Rio dos navegantes'

Nova exposição de longa duração do Museu de Arte do Rio reúne 550 itens de 37 instituições e coleções

Nelson Gobbi
28/05/2019 - 19:30



Óleo 'Marinha com Pão de Açúcar' (1945), de Tarsila do Amaral, na exposição 'O Rio dos navegantes', no MAR Foto: Roberto Moreyra / Agência O Globo

RIO — Um dos pontos mais visitados do Museu de Arte do Rio (MAR), além de suas salas de exposições, é seu terraço, de onde se vê a Baía de Guanabara e parte da Região Portuária. Com o mesmo olhar de visitantes e turistas que frequentam o espaço, a instituição inaugurou no último sábado sua oitava mostra de longa duração, "O Rio dos navegantes", que substituiu "O Rio do samba" em uma nova abordagem sobre características históricas e culturais da cidade, como é comum nas coletivas que ocupam o terceiro andar do prédio.



SAIBA MAIS



Maior exposição de Paul Klee no Brasil traz 120 obras ao Rio



Escultura de coelho de Jeff Koons bate recorde em leilão de um trabalho de artista vivo



Tela de Monet é vendida por US\$ 110 milhões e bate recorde para obras impressionistas em leilões



Veja as obras de dez artistas do Nordeste que você precisa conhecer

Ao entrar na exposição, contudo, o visitante não é recebido por uma representação do mar ou das montanhas avistadas das embarcações. A primeira obra que se vê é "Anywhere is my land" (1968), tela de Antonio Dias (1944 — 2018) criada a partir de pontos brancos sobre um fundo negro, que remete a uma constelação. As estrelas, que aparecem em vários outros pontos da mostra, como na Sala de Encontro, no térreo, guiam o público pelo conjunto de 550 peças históricas e contemporâneas que contam parte da memória e da vida da cidade e, por extensão, do país.

— O Francisco Carlos Teixeira, consultor histórico da mostra, lembrou que, antes de conhecerem novas terras, os navegantes descobriram um novo céu — comenta Evandro Salles, diretor cultural do MAR e coordenador de curadoria da exposição. — Até o século XV, o céu conhecido pelos europeus era o do Hemisfério Norte. Ao se lançarem ao Sul, eles precisaram criar uma nova orientação espacial. Assim como os navegantes, a exposição começa olhando para o céu, e não para o horizonte ou para o que vem depois dele.



Evandro Salles, Pollyana Quintella, Fernanda Terra e Marcelo Campos, que assinam a curadoria da exposição Foto: Roberto Moreyra / Agência O Globo

Neste percurso, estão peças da coleção do MAR e de mais 36 instituições e coleções, incluindo itens que escaparam do incêndio do Museu Nacional, em setembro do ano passado. A narrativa histórica abre espaço para vozes da contemporaneidade, com obras de artistas viajantes do século XIX como Debret, Rugendas e Marc Ferrez dividindo o espaço com trabalhos de Rosana Paulino ([que também está em cartaz no museu com a individual "A costura da memória"](#)), Aline Motta e Arjan Martins. A viagem de volta pelo Atlântico Negro, com as contribuições de abordagens decoloniais, chega à África através da vídeo-instalação "Passage", do sul-africano Mohau Modisakeng, exibido na Bienal de Veneza de 2017, que simula barcos com figuras submersas.



VEJA OBRAS DA MOSTRA 'O RIO DOS NAVEGANTES'

1 de 6



Foto da chegada de imigrantes à Hospedaria da filha das Flores, autor desconhecido, década de 1940. Foto: Divulgação

— A exposição abre espaço não só para o olhar de fora, de artistas que vieram nas missões francesa e austríaca, mas também traz vozes que falam por si. Temos [a autobiografia do \(Mahommah Gardo\) Baquaque](#) , a única escrita por um ex-escravizado no Brasil — contextualiza Fernanda Terra, que assina a curadoria com Marcelo Campos e Pollyana Quintella. — Nada é conclusivo, queremos expandir o olhar e convidar as pessoas para se perguntarem como essa história se deu, da colonização até hoje. Ao lado das representações de época dos povos originários, temos obras de artistas indígenas, como o Ailton Krenak.

Início longe do imaginário praiano

Dividida em núcleos como "Uma cidade portuária em construção", "Usos das águas" e "Lutas e batalhas", a mostra relembra que o Rio se constituiu como porto, e que o imaginário praiano pelo qual a cidade passou a ser conhecida no mundo, data somente do fim do século XIX e início do XX.

— Ser porto marcou profundamente a identidade da cidade. Desde a sua fundação, o Rio se acostumou a receber a austeridade, inicialmente de modo violento, com a escravidão e o extermínio de indígenas, e depois abrigando outros grupos étnicos que chegavam quase como refugiados, e darão sua contribuição para a nossa cultura — observa Marcelo Campos. — A mostra também destaca que o porto fez com que as praias da Zona Norte, como as do Caju, do Castelo, não se desenvolvessem como as da Zona Sul. Não por acaso, a exposição termina com imagens de Ramos.

Junto com "O Rio dos navegantes", também foi inaugurada a sala imersiva Fluxo, no segundo andar do MAR, com um site específico digital desenvolvido por Liana Brazil, diretora criativa da SuperUber. O espaço, que propõe uma experiência sensorial, estabelece relações com o tema da mostra principal, em projeções de estrelas e de uma canoa navegando.



Instalação 'Fluxo', no segundo andar do MAR Foto: Roberto Moreyra / Agência O Globo

— Tem algumas conexões com o conteúdo da exposição, mas com uma abordagem mais poética — destaca Liana, cuja equipe levou dois meses para desenvolver a obra. — É um espaço de imersão, que mistura audiovisual com cenografia e interatividade, que permite interpretações do público sem uma narrativa histórica.

"O Rio dos navegantes"

Onde : MAR — Praça Mauá 5, Centro (3031-2741). **Quando** : Ter. a dom. e fer., das 10h às 17h. Até abril de 2020. **Quanto** : R\$ 20.

Classificação : Livre.

MAIS DE ARTES VISUAIS

VER MAIS